

A MORTE NO MUNDO GREGO

2024 PROFA. RAGUSA

Bibliografia para ambos os cantos (quando o texto não está no Moodle, eu coloco em azul)

- ALEXIOU, M. *The ritual lament in Greek tradition*. 2nd ed., rev. by D. Yatromanolakis and P. Roilos. Lanham: Rowman & Littlefield, 2002. (Moodle Bibliografia Geral, trecho)
- BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. M. J. S. Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. (Moodle Bibliografia Geral trechos)
- FELTON, D. "The Dead". In: OGDEN, D. (ed.). *A companion to Greek religion*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 86-99. (Moodle Bibliografia Geral)
- GARLAND, R. *The Greek way of death*. London: Duckworth, 1985. (Moodle Bibliografia Geral, trecho)
- SOURVINOU-INWOOD, C. *'Reading' Greek death: to the end of the classical period*. Oxford: Clarendon, 2006.
- VERMEULE, E. *Aspects of death in early Greek art and poetry*. Berkeley: University of California Press, 1981. [existe em espanhol]
-

A MORTE, A CERIMÔNIA FÚNEBRE

Thánatos (morte) – termo menos usado, mais comum na forma oposta de **athánatos (imortal)**; com o alfa privativo *a-*, nomeia a privação da morte, que define a natureza divina, enquanto que, sem ele, nomeia o que está posto à natureza mortal.

Moîra – termo mais comum para a morte. O substantivo se insere no campo do verbo *meîresthai*, que significa “receber como porção”; **moîra** então significa “lote, parte, quinhão”, e, como o **quinhão comum a todos os seres humanos, “morte”**. A deusa **Moîra** é aquela que traz o fim aos mortais. Individualizada ou como trio, as **Moîrai** por vezes se projetam com a mesma imagem das **Parcas ou Queres (Kêres)**, nomeadas na *Teogonia* (217-22) de Hesíodo: **Cloto** (“Fiandeira”), que fez o fio-lote da vida; **Láquesis** (“Distribuidora”), que o mensura; e **Átropo** (“Inflexível”), que o corta. **Tal imagem fala, portanto, de um lote comum a todos os mortais: a morte.**

Moîra thanátou: “o lote da morte” – expressão comum

VISÃO SOBRE O HADES E A MORTE

- Não será única, monolítica, essa visão ao longo dos séculos na Grécia antiga. A **era arcaica**, expressa a **visão tradicional, que ainda terá grande presença na clássica.**

- Segundo tal visão, o **Hades** fica nas profundezas sob a terra, e seu aspecto é como o dos espaços do mundo dos vivos: há rios, terras, palácios e portões. Na **geografia do Hades**: destacam-se os **5 rios**: **Estige** (separa os vivos dos mortos, sendo a ninfa do rio, a Estige, a “Odiosa”); **Aqueronte**; **Cócito** (rio da travessia, cujo nome vem de *kōkýein*, “dar gritos estridentes de dor”), **Periflégueto** (rio “do entorno em chamas [*phlogós*]”), e **Letes** (rio “do esquecimento [*létēs*]”).
- Há no Hades **espaços distintos para os mortos, como os que sofrem punições eternas, os suplícios (Tântalo, Sísifo e outros), e os que são premiados com a bem-aventurança (Menelau nos Campos Elíseos, onde alguns heróis desfrutam de privilégios – Odisseia (4), Hesíodo, Teogonia). A destinação depende das ações praticadas quando em vida.**
- Em Homero, lembra Garland (1985, p. 49), “ambos, o deus e seu reino, são expressos pela mesma palavra *Aidēs*”. O **Hades é governado pelo deus que lhe dá nome, também chamado Plutão** (*plōutos* significa “riqueza”, e o Hades é **rico em mortos e em lágrimas**), e **por Perséfone**, sua esposa, deusa filha de Deméter (deusa da agricultura), que ele raptou quando *parthénos* (a moça virgem) e para lá levou, como conta o arcaico *Hino homérico a Deméter* (século VI a.C.). Cérbero, cão monstruoso, guarda sua mansão, a impedir que dela fujam os mortos.
- **O deus Hades não é o agente da morte, mas o que recebe os mortos.** Felton (2007, p. 90) lembra que “era temido, mais do que adorado, por causa da incerteza que os gregos tinham com relação ao significado da morte e quando ela poderia chegar a cada um (...) eles temiam o que Hades representava
- **A morte – Pensar o mundo dos mortos é pensar o mundo dos vivos.** Garland (1985, p. 1) lembra que é em Homero (especialmente na *Odisseia* 11) que se acha **a mais antiga imagem da morte, do morto e de seu mundo**. Lá está a *psykhē* de cada um dos seres humanos que um dia viveu. A *psykhē* é o “sopro vital”, o “ânimo” que só abandona o corpo físico no momento da morte, após a qual **desce ao Hades**. O termo grego é traduzido por vezes como “alma” ou “espírito”, mas essas palavras tem carga judaico-cristã de sentidos inadequados.

- A *psykhé* é imaterial, indistinta, e não tem mais capacidade de fixação; no Hades, fica a vagar como folha solta ao vento, mas pode recuperar a imagem e a memória de sua existência quando se permite distinguir. O *eídōlon*: “simulacro, espectro, fantasma”, é como costuma ser designada a *psykhé* que se permite distinguir ou que é ritualmente invocada a se distinguir individualmente, recuperando a memória e a forma de quem foi, mas sem recuperar a materialidade dos vivos
- Vermeule (1984, p. 76): sendo mortais, “todos morrem e vão para o Hades”; todos se convertem em resignados súditos de Perséfone e Hades. E de algum modo, **o morto tem uma existência posterior à vida, no Hades – esta, uma existência ilimitada.**

CERIMÔNIA FÚNEBRE

- Como bem lembra Burkert (1993, p. 371), “As inumações, por detrás das quais se encontram rituais fúnebres, são os testemunhos mais amigos da cultura humana”. E ressalta ele (p. 372), ainda, que a **cerimônia fúnebre tem função emocional e social**, de “consolidação da tradição através das gerações e, sobretudo, da solidariedade dentro da família”. **As ações e palavras envolvidas nos ritos refletem bem essa dupla função**, bem como atividades ligadas à vida (banquetes, jogos).
- A importância dos funerais pode ser medida pelo modo como logo se ocuparam deles e de seu **regramento as legislações das diversas pólis**, orientadas pela **ideia do adequado, do apropriado – *tò prépon***.
- Basicamente, **tais legislações concerniam “ao corte de gastos, à duração da murmuração e às manifestações extravagantes de pranto”** (Garland, 1989, p. 1), e essa preocupação pública se justifica, na medida em que se davam fora das casas. A cerimônia fúnebre é privada em certa dimensão, mas pública em essência.

- **Transição:** Felton (2007, pp. 86-87) observa que “**a morte era uma passagem que devia ser marcada com uma cerimônia**” **que tinha dupla função: para os vivos, é consolatória; para os mortos, procedimento necessário, pois “predominava, entre os gregos, a certeza de que, se o morto não fosse adequadamente tratado, seu espírito poderia fazer algum mal aos vivos”**.”
- Na cerimônia, mulheres e homens desempenhavam papéis diferentes e deviam ter comportamento condizente com tais papéis. **O pranto cabia sobretudo às mulheres, o lamento fúnebre (*góos*, choro, grito, gestos, desespero)**
- **Funerais: cremação e inumação (sepultamento do corpo) foram praticadas sempre.** São três as principais ações: **i) reunião de *ostéa* (ossos), após a cremação – pública e solene –, ou coleta do corpo; ii) *próthesis*, exposição das ossadas ou do corpo lavado, ungido e amortalhado, que constitui o momento da lamentação dos mortos; iii) *ekphorá*, cortejo ou traslado fúnebre público; iv) sepultamento do corpo ou dos ossos em urna, em túmulo, ou cremação.**

Na *próthesis*, espécie de velório, descreve Garland (1985, p. 23), “**os olhos e a boca eram fechados**”, por questão **estética**, mas também pelo modo como se pensava sua relação com o **mundo dos mortos – o fechamento, a escuridão, a noite sem fim**. Depois, “o **banho do cadáver** era usualmente executado pelas **mulheres da casa (...)**”. Lavado, o corpo “era **vestido e repousado em uma cama**. Os pés eram postos em direção à porta (...) e **uma ou mais almofadas eram colocadas sob a cabeça do falecido (...)**” (p. 24).

Segundo Burkert (1993, pp. 374-5), “**lavado e vestido pelas mulheres, a cabeça cingida por fitas ou uma coroa, o falecido é exposto em sua casa rodeado das lamentações dos seus familiares. A lamentação de sua morte, que cabe às mulheres, é indispensável**”. Gritos agudos, o puxar dos cabelos e o cortar dos cabelos, as batidas no peito e os arranhões na face eram rituais, sinalizando que os familiares vivenciavam dor excepcional, embora inerente à vida, sujando-se com cinzas sobre a cabeça e roupas rotas e sujas por ao menos um dia.

Consumados os rituais, diz Felton (2007, p. 87), “honrar o morto, ou ao menos sua memória” era responsabilidade da família, inclusive pela visita regular ao túmulo: “Isso incluía a manutenção física do local e do túmulo, bem como a lembrança do aniversário de morte, trazendo oferendas e libações de leite e mel”. É como se o morto, de algum modo, permanecesse “presente e ativo”. Afirma Vermeule (1984, p. 63): “(...) as esperanças gregas de **sobrevivência** (...) centravam-se na **memória**”. Logo, apenas por ações e palavras podemos nos tornar imortais. Isso é crucial no imaginário grego, no que concerne à definição do herói como sujeito capaz de feitos excepcionais (bons ou não) e do heroísmo, na guerra e nas demais arenas a que essas noções são levadas. E torna mais importante ainda figuras já admiradas, respeitadas, de autoridade: os poetas, que, com sua habilidade, elevam tais feitos e os tornam renomados, famosos, memoráveis.

MEMÓRIA E EPITÁPHIOS LÓGOS

A tradição do *epitáphios lógos* (discurso fúnebre) está nas inscrições tumulares ou em objetivos votivos (de oferenda) – e os epigramas dedicatórios são uma espécie discernível na epigrafia como na poesia – e em gêneros poéticos e na prosa. **É longa essa tradição, com dupla função: dar aos vivos consolação, e aos mortos, a memória que impede a segunda morte que é o esquecimento.**

Observa Alexiou (2002, p. 108) que, no contexto das várias formas de *epitáphios lógos*, há distinções que remontam à própria definição e separação de papéis na cerimônia fúnebre: “(...) enquanto o *thrênos*, *góos*, e *kommós* eram baseados em um **ato ritual ou choro lamentoso, executado por mulheres** frequentemente com acompanhamento musical, o **epigrama, a elegia, o epitáfio e o epicédio** cresceram a partir da atividade social e literária do **homem**, desenvolvendo **elementos de comemoração e louvor**, que estavam presentes no **treno arcaico [uma das espécies de mélica, de canção]**. Esse segundo grupo tendeu gradualmente **a substituir** o primeiro como uma **reconhecida forma de honrar o morto** (...).”.

Note-se que, na tradição do *epitáphios lógos* (discurso fúnebre), **evidencia-se antes a preocupação com os vivos do que com os mortos** – a função é fornecer **instrumentos que permitam aos vivos sobreviverem à morte, à perda**, sendo o principal deles a **reflexão que, pensando a vida e a morte, busca dar sentido à existência, de modo a racionalizar a dor do luto, passo fundamental à continuidade do viver de quem fica.**